



## CIÊNCIA: RESGATE, NARRATIVAS E POLÍTICAS

*Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão<sup>1</sup>*

*Aline de Oliveira Bomfim<sup>2</sup>*

*Eliane Maria Araújo da Silva<sup>3</sup>*

*Amanda Gonçalves Pereira<sup>4</sup>*

*Esta divisão do ser, fazer e perceber entre homens e mulheres é percebida como natural, enraizada na biologia, produzindo profundas consequências psicológicas, de comportamento e sociais.*

*Elizabeth Bortolaia Silva*

### RESUMO

O artigo pretende recuperar a trajetória de carreiras universitárias de mulheres na Universidade Federal Rural de Pernambuco, a partir de entrevistas, narrativas e discursos sobre o lugar das mulheres no desenvolvimento científico e tecnológico, sua inclusão nas políticas públicas e nos espaços de poder. A coleta e análise dos dados se desenvolveram por meio de eixos transversais: estudos de gênero e políticas de igualdade de oportunidades, mulheres na ciência e na universidade, gênero na educação superior. A proposta consiste em dialogar e interagir com a complexidade que envolve o conceito de transversalidade de gênero nas políticas públicas, especialmente de desenvolvimento científico e tecnológico. Nas considerações finais objetiva-se contribuir para a produção de conhecimento sobre o tema da igualdade/equidade, focalizando a investigação no recorte metodológico que envolve estudos por, para e sobre as mulheres.

**Palavras-chave:** Ciência; Mulher; Políticas Públicas.

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo primordial resgatar a histórias de vida de mulheres, docentes na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, a

<sup>1</sup> Doutora, docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pesquisa financiada pela Secretaria de Políticas para Mulheres – SPM/PR. Email: rosario@dch.ufrpe.br

<sup>2</sup> Bacharela em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Mestranda em Extensão Rural e Desenvolvimento Local/POSMEX na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email: alineob@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Bacharela em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Mestranda em Extensão Rural e Desenvolvimento Local/POSMEX na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email: elianearaujo80@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Bacharela em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Mestranda em Extensão Rural e Desenvolvimento Local/POSMEX na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email: amanda\_pereira88@hotmail.com



# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



O que faz com que o número de mulheres ainda hoje seja consideravelmente menor do que o de homens na ciência, em várias áreas do conhecimento? O que ainda impediria as mulheres de participarem dos centros e núcleos de decisão, dos escalões superiores na ciência e na tecnologia?

Outros questionamentos realizados uma década antes da publicação anteriormente citada, no “World Science Report” – UNESCO/1996, sobre o percurso das mulheres na carreira científica são: Quais as mulheres que conseguem permanecer no mercado de trabalho e/ou na carreira científica, evoluírem na carreira científica, serem nomeada para funções de responsabilidade e de poder no sistema científico? Todas estas questões dialogam com nosso problema de pesquisa. A partir de respostas a algumas destas, pretendemos visibilizar as contribuições das mulheres ao conhecimento acadêmico e o trabalho sobre gênero que vem sendo desenvolvido na educação superior.

Estudos anteriores sobre o tema nos tem inspirado a mapear a trajetória de docentes na UFRPE, entre eles se destacam Cruz (2012) e Carvalho, Rabay e Silva (2012). A partir desta revisão de literatura, nosso primeiro recorte metodológico inclui 16 mulheres que cursaram a graduação nas décadas de 1970 a 1980, 06 docentes com formação e atuação nas Ciências Agrárias (Agronomia, Veterinária, Pesca e Aquicultura, Zootecnia) e, outras 10 docentes com formação e atuação nos Departamentos de Biologia, Química, Educação e Matemática.

## **RESGATE DA HISTÓRIA DAS MULHERES NAS CIÊNCIAS AGRÁCIAS – UFRPE**

Associado a literatura acima citada, o nosso interesse no tema cresceu ao tomarmos conhecimento da história de vida de uma egressa do curso de Agronomia, no final da década de 1940. Posteriormente ocupou as funções de docente e pesquisadora na UFRPE. Maria Celene Ferreira Cardoso de Almeda, a 3ª mulher a ocupar os bancos escolares na E.S.A.P. – Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, atual UFRPE, conseguiu romper com o modelo estabelecido para as alunas, docentes e pesquisadora, segundo bem explicita Costa (2006) “coadjuvantes, ajudantes, quase invisíveis, agindo nas ‘sombras da história’ e do

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



conhecimento, historiadoras, entre outras profissionais, as mulheres começam a aparecer e, nesse resgate, descobrimos que não foram poucas”.

No ano de 1947, Maria Celene Ferreira Cardoso de Almeda, discente do 3º ano de Agronomia, publica um artigo sobre “*A Mulher e a Profissão Agrônômica*”, na Revista de Agricultura, editada pelo Diretório Acadêmico do Curso de Agronomia Cardoso (1947, p. 53-54). No texto, Celene defende o direito dela e de outras mulheres romperem as barreiras e conquistar profissões caracterizadas como masculina:

Aos pensadores errôneos e antiquados aqui fica o meu apelo à atualização de suas ideias e, ao mesmo tempo envio um convite a todo o mundo estudantil feminino para que tendo inclinação pela Agronomia não vacile – transponha os umbrais da E.S.A.P. para avolumar a corte de jovens estudiosos dos problemas agronômicos.

Vale ainda ressaltar que até 1948 se constata a informação de que apenas 04 mulheres concluíram o curso de Agronomia, nesta instituição, tres décadas após a criação do referido curso pelos Monges Beneditinos do Mosteiro de São Bento, em Olinda, Pernambuco, em 1912. Os documentos institucionais indicam que nos primeiros 27 anos de existência do curso de Agronomia em Pernambuco colaram grau, 219 engenheiros agrônomos, todos do sexo masculino. Dessa forma, fica evidente o hiato de tempo existente entre o primeiro engenheiro agrônomo formado na E.S.A.P. e a primeira engenheira agrônoma pernambucana formada em 1944.

A pesquisa dialoga com a memória de um século de história desta instituição e com o cotidiano destas docentes que atuam na UFRPE, por isso interage com a complexidade que envolve o conceito de transversalidade de gênero Bandeira (2005) nas políticas públicas de desenvolvimento científico e tecnológico. A investigação neste âmbito da invisibilidade das mulheres exige um posicionamento crítico sobre as formações e as práticas discursivas.

Passados dezesseis anos, concordamos com Lopes (1998, p. 366) quando afirma que:

[...] as mulheres praticamente não constam da História das Ciências no Brasil, não dispomos de uma vasta produção sobre o tema que conte com tradições

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



construídas desde o fim do século passado, como nos Estados Unidos<sup>5</sup> ou em outros países europeus. Mas isso não significa que se trata de começar do zero. Pelo contrário, trata-se sim de recuperar, avançar e criar novas tradições, que nos permitam tornar visíveis as mulheres e as relações de gênero em nossos fazeres científicos.

Numa Universidade Rural, com cursos centrados no que se pode denominar de “modelo masculino de sucesso acadêmico que envolve compromisso de tempo integral ao trabalho científico e relações academicamente competitivas com seus pares” Costa (2006, p. 458), buscamos conhecer os obstáculos e as estratégias, que estas mulheres vivenciam para equilibrar as esferas do trabalho e da vida privada.

A pesquisa qualitativa coletou e sistematizou dados de entrevistas a 30 mulheres, algumas docentes e outras egressas da UFRPE. A delimitação destes dois grupos de sujeitos da pesquisa foi definida a partir da informação dos Departamentos Acadêmicos no site desta Universidade e pelo setor de Acompanhamento e Monitoramento de Egressos da Instituição. A saída a campo foi organizada a partir de um mapa composto por duplas de 10 de bolsistas, totalizando 100 entrevistas. A oficialização do contato com para entrevistas com as docentes e egressas, inicialmente aconteceu por meio de encaminhamento de e-mail com carta<sup>6</sup> convite explicando o teor da pesquisa e a importância na colaboração para a coleta

<sup>5</sup> Ver Evelyn Fox Keller (1997), Donna Haraway (1989), Helen Longino (1996), Anne Fausto-Sterling (1982) e Sandra Harding (1996).

<sup>6</sup> Texto Carta Convite Egressas: “O Núcleo de Pesquisa-Ação Mulher e Ciência através de Projeto financiado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, desenvolve pesquisa sobre o tema Mulher e Ciência nos espaços de poder e decisão. A abordagem inclui o debate sobre o espaço das mulheres estudantes nas carreiras universitárias de algumas Universidades Brasileiras, fazendo estudo de caso comparativo com a Universidade Federal Rural de Pernambuco. Nesse sentido, contamos com sua valiosa colaboração ao responder a entrevista que nos subsidiará com os dados relacionados a mulheres na formação de recursos humanos desta Universidade. Seu nome nos foi indicado através do Setor de Acompanhamento e Monitoramento de Egressos da UFRPE. Caso resida na região metropolitana do Recife, a entrevista será realizada por uma dupla de alunas/alunos da UFRPE. Para tanto, necessitamos que nos informe dia, local e hora a serem agendados no período de 10 a 25 de janeiro de 2014. Para a colega que reside além dos limites da região metropolitana do Recife, caso aceite responder, enviaremos a entrevista através do e-mail, a qual também deverá ser respondida no período de 10 a 25 de janeiro de 2014”.



de dados, num segundo momento foi intensificada a comunicação com telefonemas e visitas presenciais aos laboratórios.

A entrevista foi construída coletivamente e no roteiro elaborado indagou-se sobre a trajetória profissional da entrevistada e de seus familiares; sobre a percepção de haver vivenciado alguma restrição profissional por ser mulher; se recebeu bolsa de pesquisa, se participou de grupo de pesquisa; se tem filhos e quais as impressões em conciliar a carreira com a maternidade, o trabalho reprodutivo e o cuidado; e atualmente como divide seu tempo entre as atividades profissionais e o trabalho doméstico; se observa diferenças em relação ao seu uso do tempo e dos seus colegas; frente às exigências da CAPES e de outros órgãos ligados a ciência e educação, como distribui a carga de trabalho e as horas de tempo livre.

A partir das respostas sistematizadas nas entrevistas, estamos mapeando quem são estas mulheres na UFRPE, as que cursaram a graduação nos anos 1970 e 1980 e hoje, atuam nas funções de docentes, pesquisadoras, coordenadoras de pesquisas, pesquisadoras com bolsa de produtividade CNPq, coordenadoras de cursos de graduação e pós-graduação, diretoras de departamentos, pró-reitoras etc.

## QUADRO I – DOCENTES ENTREVISTADAS

Área	Idade	Filhos	Graduação	Mestrado	Doutorado	Pós Doutorado
AGR	ND	0	1985-1989 Arquitetura	1998-1999 Eng. de Produção	2003-2007 Design de Moda	-----
AGR	52	1	1979-1982 Veterinária	1985-1987 Veterinária	1995-1999 Veterinária	2011/12
AGR2	ND	4	1974-1977 Veterinária 1985-1987 Lic. C. Agrícolas	1984-1987 Adm. Rural e Comunicação Rural	1998-2002 Ciências da Comunicação	2008
AGR4	54	2	1982-1986 Zootecnia	1987-1992 Zootecnia	1996-1999 Zootecnia	
AGR6	52	1	1980-1985 Eng. De Pesca	1986-1989 Pesca Produção	1996-2000 Zootecnia	-----
AGR8	54	1	1978-1982 Veterinária	1989-1992 Veterinária	1994-1998 Ciência Animal	2004
BIO1	54	3	1978-1981 Bach. C. Biológicas	1986-1990 Oceanografia	2007-2011 Oceanografia	-----
BIO2	56	3	1976-1979 Bach. C. Biológicas	1982-1985 Ciências Biológicas	1993-1998 Psicologia Experimental	-----
HIS1	54	2	1979-1982 História	1988-1990 História	1995-2001 História	-----
ED1	40	2	1988-1992 Lic. E Bach. C. Biológicas	2007-2008 Ensino das Ciências	2009-2012 Educação	-----
ED2	54	2	1978-1981 Lic. Educação Física	2009-2011 Educação	-----	-----

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



<b>ED3</b>	58	1	1980-1988 Veterinária	1993-1995 Epidemiologia Animal	2006-2010 História da Educação	-----
<b>GA1</b>	43	2	1988-1993 Arquitetura	2004-2006 Desenvolvimento Urbano	-----	-----
<b>GA2</b>	53	3	1976-1983 Eng. Química	1986-1990 Nutrição	2002-2005 Nutrição	-----
<b>MAT1</b>	44	2	1982-1985 Matemática	1985-1988 Matemática	1996-2000 Matemática Aplicada	-----
<b>QUI1</b>	47	4	1984-1987 Química Industrial	1988-1994 Bioquímica e Fisiologia	2005-2007 Tecnologias Energéticas Nucleares	2008/09

**LEGENDA:** AGR (AGRÁRIAS); BIO (BACH. BIOLOGIA); HIS (LIC. HISTÓRIA); EDU (LIC. E BACH. EDUCAÇÃO); GAS (BACH. GASTRONOMIA); MAT (LIC. MATEMÁTICA); QUI (LIC. QUÍMICA).

**FONTE: ELABORADO A PARTIR DE DADOS DA PESQUISA**

Conforme quadro acima, neste artigo, delimitamos 06 docentes de agrárias, que iniciaram a graduação entre as décadas de 1970 e 1980, com faixa etária acima entre 48 e 59, todas realizaram mestrado entre as décadas de 1980 e 1990, 03 delas apresentaram continuidade na realização do doutorado e realizaram estágio Pós-Doutoral, 04 docentes ocuparam cargos na administração superior da Universidade. As outras 10 docentes apresentam formação e/ou atuam nos Departamentos de Biologia, Química, Educação, História, Gastronomia e Matemática. Estas docentes com faixa etária entre 40 e 58, iniciaram a graduação entre as décadas de 1970 e 1980, realizaram mestrado entre as décadas de 1980 e a primeira década do século XXI, havendo uma certa descontinuidade na pós-graduação de algumas docentes, presente especialmente numa das entrevistadas que iniciou o doutorado em 2014. Os cargos de poder por elas ocupados inclui Pró-Reitoria, Direção de Departamento, Assessoria na Reitoria e Coordenações de Cursos.

Consideramos importante construir um quadro que expressasse a quantidade de docentes na UFRPE, para conhecer onde estão concentradas as pesquisadoras que responderam as entrevistas nesta pesquisa.

## QUADRO II - QUANTITATIVOS DE DOCENTES - DEPARTAMENTOS DA SEDE UFRPE

DEPARTAMENTO	FEM	MASC	TOTAL	OBS Mulheres
ADMINISTRAÇÃO	14	13	27	52%
AGRONOMIA	9	27	36	25%
BIOLOGIA	38	19	57	66%
CIENC. FLORESTAL	18	5	23	78%



CIENC. DOMÉSTICAS	20	1	21	95%
CIENC. MOLECULARES	3	11	14	21%
CIENC. SOCIAIS	11	15	26	42%
<b>EDUCAÇÃO</b>	<b>42</b>	<b>18</b>	<b>60</b>	<b>70%</b>
EDUC. FÍSICA	4	6	10	40%
ESTATÍSTICA E INFORMÁTICA	11	13	24	46%
FÍSICA	1	17	18	5,5%
<b>HISTÓRIA</b>	<b>13</b>	<b>5</b>	<b>18</b>	<b>72%</b>
DLCH /ECONOMIA	7	11	18	39%
DLCH/LETRAS	17	9	26	65%
MATEMÁTICA	12	15	27	44%
<b>MEDICINA VETERINÁRIA</b>	<b>22</b>	<b>18</b>	<b>40</b>	<b>55%</b>
MORFOLOGIA E FSIOLOGIA ANIMAL	12	17	29	41%
<b>PESCA E AQUICULTURA</b>	<b>3</b>	<b>15</b>	<b>18</b>	<b>17%</b>
<b>QUIMICA</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>20</b>	<b>60%</b>
<b>TECNOLOGIA RURAL</b>	<b>17</b>	<b>36</b>	<b>53</b>	<b>32%</b>
<b>TOTAIS</b>	<b>286</b>	<b>279</b>	<b>565</b>	

LEGENDA: DLCH (DEPARTAMENTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS).

FONTE: SITE UFRPE – ACESSADO EM: 21.08.2014

## SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste primeiro artigo construído com os dados da pesquisa, nos chamou especialmente atenção no diálogo com a construção social do conceito de gênero e suas implicações na história de vida profissional das mulheres, as atividades de reprodução social e cuidado com os filhos e filhas, elas foram unânimes em responder que necessitaram da família, quando não tinham familiares por perto, especialmente mãe e sogra, dependem de auxiliares domésticas. Alguns relatos são contundentes:

1. Numa época de sua vida assumia as funções de “doméstica, lavadeira, faxineira, passadeira, babá, esposa e estudante”;
2. Outra dificuldade apresentada se referiu a amamentação e a incompatibilidade de trabalhar com material radioativo no laboratório, exigência de sua pesquisa de mestrado;

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



3. 11 das 16 entrevistadas teve filhos durante o percurso acadêmico. Apesar da solução de algumas por contratar uma cuidadora (babá) para os filhos, algumas expressam claramente o conflito entre a carga de trabalho e o tempo de atenção para com os filhos e filhas:  
“Eu já tive uma funcionária que disse que a mãe dela botava vinagre nas partes como castigo, e aí como uma pessoa que foi punida dessa forma podia estar com os meus filhos, entendeu? Mas estava. Acho que interfere muito na vida profissional da mulher a questão do que fazer com os filhos, a culpa frequente... O que é que eles estão fazendo agora? Será que estão bem? Eu deveria estar lá cuidando deles ou eu deveria estar fazendo pesquisa, fazendo extensão?”
4. Viagens de trabalho, realizar pesquisa e escrever textos acadêmicos “minha filha bebê precisou ficar um mês longe da mãe, na casa dos avôs maternos, em outra cidade, para permitir minha maior dedicação na parte da escrita da tese”. Outra docente afirmou que “A maior dificuldade é conciliar o tempo de ser mãe, esposa e profissional. Quando acontece imprevisto com a funcionária não vai trabalhar e o que se faz. E aí eu vejo a questão de gênero”;
5. Quando se necessita está em casa para resolver problemas que só a mulher resolve;
6. Houve uma entrevistada que parou suas atividades profissionais para cuidar dos filhos.

Estes relatos indicam que a categoria gênero permite revelar que muitas diferenças entre homens e mulheres são socialmente construídas, mas são tão naturalizadas e cristalizadas, que dificulta desvendar as relações de poder e desigualdades, socialmente construídas e historicamente reproduzidas.

Ao responderem sobre o uso do tempo por colegas da vida acadêmicas, a resposta também foi de consciência do trabalho, mas esperanças de mudanças só para as próximas gerações:

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



1. “A mulher sai do trabalho vai fazer feira...vai fazer não sei o quê...e os homens não conversam sobre isso, não fazem nada disso, porque é a mulher que faz. Mesmo que a mulher trabalhe, ela é geralmente que faz isso. Eu acho que é maior a sobrecarga feminina”;
2. “Acho que a nossa geração é uma geração de transição, da minha mãe que não trabalhava ou a grande maioria também.... E a geração de nossos filhos vai ser bem diferente. Eu acho por exemplo que as tarefas domésticas vão ser muito divididas. Então, essa coisa que eu vejo dos colegas...de ninguém se preocupar de sair daqui, fazer feira (...) eu acho que a geração dos meus filhos já vai ser diferente...vai ser mais compartilhada, as atividades domésticas”;
3. “Ah eles, eu suponho que o homem é o profissional aqui na Universidade e ao chegar em casa ele vai descansar...eventualmente ele ajuda a esposa com filho. Assume alguma coisa... mas no geral é assim... embora eu conheça homens que colaboram nas atividades domésticas...Mas o homem chega, vai dormir...ou então pior, me dê isso, me dê aquilo e aquilo outro”;
4. “Tem, tem sim. Tem sim porque os meus colegas, meus parceiros aqui do trabalho ...eles chegam em casa e têm mais tempo que eu”.

Outra pergunta que expressou bem a sobrecarga de trabalho se refere às estratégias utilizadas para responder às exigências da CAPES e de outros órgãos ligados a ciência e educação e distribuir a carga de trabalho e as horas de tempo livre

1. “Minha vida acadêmica aqui na Rural... o dia tinha que ter mais de 24 horas ...Outra coisa também essa parte da exigência de produção científica...aí você tem equipe, você não trabalha só...uma, duas, três, quatro...Tem os colegas que participam, então ajuda muito”;
2. “Olha eu tento, eu trabalho muito. Eu trabalho muito, porque aqui na universidade a gente acaba ocupando cargos e ficando com a docência normal, mas você acaba, por exemplo, se interessando também pela gestão, que é um cargo que eu também

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



- acumulo. E com isso, acaba sobrecarregando mesmo o lado familiar, hoje eu tenho menos tempo para família”;
3. “Olha para um currículo Lattes das nossas colegas e elas não deixam a desejar pra um currículo Lattes de um homem, a gente trabalha tanto quanto, publica tanto quanto, mas a gente percebe que no ambiente acadêmico tem esse tipo de coisa, e é um lugar que eu esperava não encontrar porque é um ambiente de pessoas ‘esclarecidas’, no entanto a gente encontra tanto essa discriminação de gênero como também, um pouco tempo atrás, homofobia”.

Concluimos esta nossa primeira socialização dos resultados da pesquisa, com duas narrativas que nos impacta e que nos impulsiona a continuar com este objeto de pesquisa, Mulher e Ciência, falas que revelam desigualdades implícitas e explícitas no cotidiano de trabalho, apesar da representação de homens e mulheres ser equitativa no número de docentes contabilizados no site da UFRPE, na sede da instituição, conforme indica o quadro II.

“Quando estamos ocupando um cargo...um cargo expoente, que está na vitrine ...existe uma restrição silenciosa por parte dos homens, como se dissesse...não reconhecesse que você tem o valor suficiente...tem conteúdo suficiente para assumir um cargo para mandar em uma pessoa que é de outro sexo. Não é uma coisa muito clara, mas a gente tem um ...dá pra perceber...existe as vezes...muitas vezes você observa uma arrogância desnecessária como se não devesse fazer...ser um subalterno de uma mulher, as vezes a gente vê isso...Não é uma coisa muito clara ...mas existe essa...esse...visgo. E aqui...aqui somos todos iguais, mas quando você está ocupando um cargo ...imagino que a reitora deve ainda enfrentar isso...mas quando você está numa vitrine acima que determina alguma tarefa então gera aquele desconforto”.

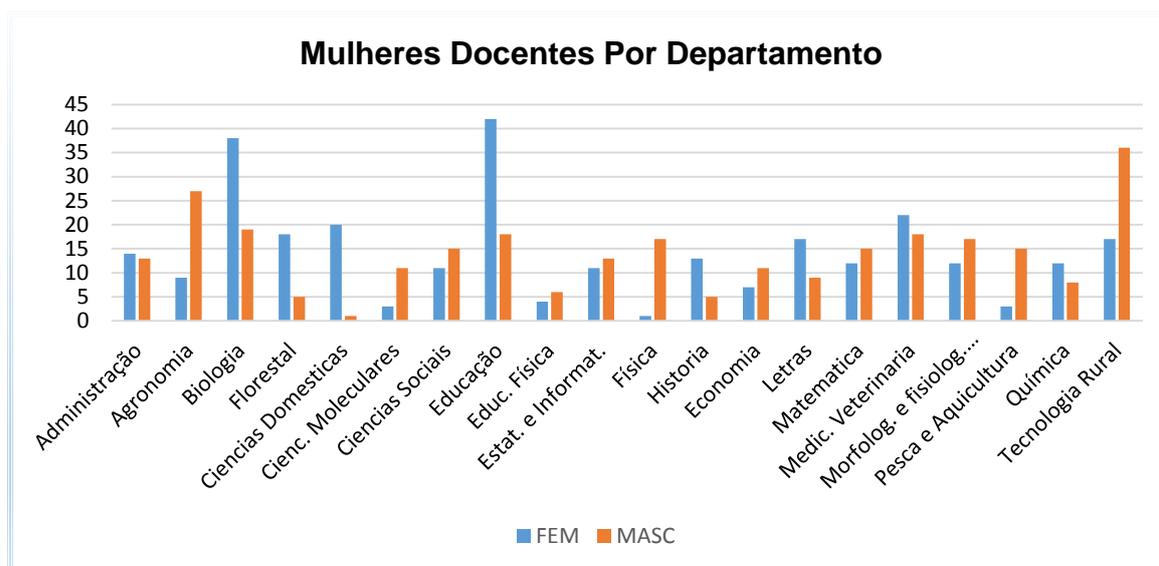
“Embora que estejamos em um século que se fala em conquistas femininas isso ainda não se configura por aqui. Só para vocês terem uma ideia há pouco tempo



atrás eu estava com obra no departamento. Essa obra atrasou um pouco por conta da empresa, e um colega nosso, doutor assim como todos nós, falou assim – mas também, como que uma obra termina no tempo hábil com uma reitora mulher e uma direção com duas mulheres? Eu sou a atual diretora e minha vice é mulher também, e eu fiquei pasma! e indignada, então a gente ainda passa por essas coisas. Às vezes em reuniões de conselho ou câmaras, muitas vezes a mulher está falando e um homem acha que pode interrompê-la, a mesma coisa você não vê quando é um homem que está falando. Então todos nós fazemos ciência e todos nós sabemos o que estamos dizendo. Interessante, é a voz masculina é mais ouvida ou tem um peso maior que a voz feminina?

As entrevistas evidenciam existência de diferenças, polaridades e assimetrias de gênero, presentes em atividades que definem o que é masculino e o que é feminino. As 16 docentes aqui entrevistadas, apesar da sobrecarga e algumas discriminações desenvolvem suas carreiras acadêmicas, atuam na pós-graduação e assumem cargos de gestão.

Vale ressaltar o percentual de representação de mulheres no corpo docente em Departamentos na Sede da UFRPE, conforme gráfico 1 abaixo:



De acordo com a leitura do gráfico, observamos que:

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



1. As mulheres estão sub-representadas, Física – 5,5%, Pesca e Aquicultura – 17%, Ciências Moleculares – 21%, Agronomia – 25%, Tecnologia Rural – 32% e Economia 39%;
2. As mulheres representam 60% ou mais do corpo docente dos departamentos de Ciências Domésticas – 95%, Ciências Florestal – 78%, História – 72%, Educação – 70%, Biologia – 66% e Química – 60%.

Aprofundar as razões destas diferenças será tema de um próximo artigo a ser escrito pela equipe do Projeto Mulher e Ciência, dando continuidade à nossa investigação sobre as relações de poder e gênero na academia.

## REFERÊNCIAS

ALMEDA, Maria Celene Ferreira Cardoso de. A Mulher e a Profissão Agrônoma. In **Revista de Agricultura**, Diretório Acadêmico do Curso de Agronomia, v.1, n. 1, 1947. p. 53-54.

BANDEIRA, Lourdes. **Brasil Fortalecimento da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres avançar na transversalidade da perspectiva de Gênero nas Políticas Públicas**. Brasília, CEPAL, SPM, 2005.

CARVALHO, M<sup>a</sup> Eulina Pessoa; RABAY, Gloria e SILVA, Lucimeiry, B. da. **Carreiras Docentes de Mulheres em Departamentos Masculinos: Mudanças Geracionais**. Florianópolis, Fazendo Gênero 10, UFSC, 2012.

COSTA, Maria da Conceição. Ainda Somos Poucas: Exclusão e Invisibilidade na Ciência. In **Cadernos Pagu** (27), julho-dezembro de 2006, pp.455-459.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Mapeando Diferenças de Gênero no Ensino Superior da Universidade Federal de Sergipe**. Aracaju, Editora UFS, 2012.

FAUSTO-STERLING, A. **Teaching aids: Focus on Women and Science**. Course Close Up: The biology of gender. *Women's Studies Quarterly* 10 (2), 1982, pp.17-19.

FOX, Evelyn; LONGINO, Helen (eds.) **Feminism and science**. New York, Oxford University Press, 1996, pp.264-79.

HARAWAY, Donna. **Primate Visions: Gender, Race, and Nature in the World of Modern Science**. New York, Routledge, 1989.

HARDING, Sandra. **Ciencia y Feminismo**. Madri, Morata, 1996.

